

## A Gramaticalização do *não* no Português Brasileiro e a Etapa do Processo\*

Lílian Teixeira de Sousa\*

**Resumo:** *Este estudo tem como objetivo verificar em que etapa poderia estar o processo de gramaticalização do item **não** no Português Brasileiro. A análise parte da identificação e, posterior, medição da duração do item **não** e suas formas reduzidas correspondentes. Buscou-se apresentar uma descrição detalhada das características peculiares às categorias gramaticais clítico e afixo.*

**Palavras-chave:** *Gramaticalização, item negativo, clítico, afixo.*

**Abstract:** *The aim of this study is check the stage of grammaticalization process of the negative item in Brazilian Portuguese. The analysis was made through the duration measurement of full form of negation and of the reduced ones. We proceed to a description about the distinctive features between clitic and affix.*

**Key words:** *Grammaticalization, negative item, clitic, affix.*

### 1. Introdução

A partícula *não* tem sido descrita como advérbio, com propriedades de quase-clítico. De acordo com Ilari et alii (1991:131-3), a construção negativa mais habitual em Português poderia ser, justificadamente, caracterizada como uma construção quase-clítica, isso porque: a) o *não* se encontra na posição pré-verbal e b) esse item pode ser reduplicado.

Segundo Ramos (2002), a alternância *não/num* indica um processo de cliticização. Uma evidência do estatuto clítico da partícula *não* seria, como afirma a autora, a sua redução para *num*; uma segunda evidência seria a sua não redução no final da sentença e a sua contigüidade com o verbo, dentre outras.

---

\* Este trabalho vincula-se ao Grupo de Pesquisa CNPq “Negação e Polaridade – Processos de gramaticalização no Português”.

\* Mestre em Linguística – Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

De acordo com Vitral (1999), esse processo de cliticização envolvendo o *não/num* representa uma etapa de um processo mais amplo de mudança denominado gramaticalização.

Como é bem conhecido, a gramaticalização é um processo pelo qual itens perdem peso fonológico e especificação semântica, mudam de categoria e passam a exercer funções gramaticais. No entanto, do ponto de vista da mudança, formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas sofrem uma série de transições graduais.

Em estudo posterior, Sousa e Alkmim (2003) abordaram também a questão da redução do *não*, utilizando *corpus* formado por informantes nascidos em Mariana/MG e observaram a ocorrência de uma outra variante do item negativo *não* diferente das já identificadas nos trabalhos anteriormente citados. Tal variante é caracterizada pela perda da nasalização da vogal, podendo ser descrita foneticamente como [‘nu], como aparece no exemplo abaixo:

- 1) *Nu* sei não.

A evidência de um processo de *gramaticalização* envolvendo a negação estaria na distribuição sintática do item. Segundo Vitral (1999): *num*, da mesma maneira que elementos clíticos do português, não pode ser sozinho resposta a uma pergunta, não pode ser topicalizado, e não pode aparecer em posição pós-verbal. Essa distribuição pode ser estendida ao item *nu*, que também não pode ocorrer nos contextos citados.

O processo de gramaticalização, como apontado, envolve a recategorização de itens que tendem a se tornar mais gramaticais. Não há, porém, concordância plena sobre a definição de formas gramaticais; em geral é possível se falar de um “continuum” com vários agrupamentos ou áreas focais da seguinte natureza (HOPPER & TRAUGOTT, 1993): a) Palavras gramaticais com relativa independência fonológica e sintática; b) Formas derivacionais; c) Clíticos; e d) Flexões.

De acordo com Hopper & Traugott (1993), muitos lingüistas concordam que há um “continuum de gramaticalidade” que apresentaria as seguintes etapas:

**(2) Item com conteúdo lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional**

Com relação à redução do *não*, tem-se que o item *não* é considerado, em termos da gramática gerativa, uma palavra funcional (ou gramatical), núcleo de uma projeção máxima, enquanto o item *num*, por sua característica de partícula átona que se agrega a

um hospedeiro, é tido como um clítico, por Ramos (2002) e Vitral (1999). Dessa forma, resta-nos analisar se o item *nu* também pode ser considerado um clítico ou se estaria mais avançado no processo, podendo ser considerado um afixo.

Levando-se em conta o que foi exposto, o escopo desse estudo é discutir em que etapa do processo de gramaticalização se encontra o *não* no PB.

Segundo o que a literatura diz, os morfemas são classificados, de acordo com sua estrutura prosódica, em formas livres, formas presas e formas dependentes. Segundo Bisol (2005), formas livres ocorrem entre brancos e têm acento próprio, formas presas (afixos) incorporam-se a formas livres alterando-lhes o tamanho e o sentido e, as formas dependentes (clíticos) são as que não têm acento, mas ficam entre brancos e se apóiam no acento da palavra seguinte ou precedente.

Como demonstrado acima, a diferença de estatuto dos elementos gramaticais está fundamentalmente relacionada ao acento: tonicidade da forma livre e atonicidade das formas presa e dependente. Segundo Fernandes (1976) a duração é o parâmetro mais consistente na análise do acento primário e, portanto, essencial para a caracterização da redução da partícula negativa, isto é, menor duração é igual a maior atonicidade.

Nessa primeira parte da análise, examinar-se-á a variabilidade do elemento negativo pré-verbal quanto à sua duração nas realizações dos dados de todos os informantes que compõem o *corpus* a partir da análise acústica via Praat.

Os dados que compõem a amostra utilizada no presente estudo são formados por entrevistas informais, realizadas com informantes da cidade de Mariana/MG. A escolha dessa comunidade de fala partiu, principalmente, do fato de a ocorrência da forma *nu* ter sido identificada, em estudos anteriores (SOUSA, 2004; SOUSA E ALKMIM, 2003), nessa mesma cidade.

Utilizaram-se vinte gravações de trinta minutos cada uma, divididas em cinco grupos de informantes: a) o primeiro grupo é formado por crianças de 8 a 11 anos; b) o segundo grupo é formado por adolescentes de 12 a 15 anos; c) o terceiro grupo por informantes de 20 a 30 anos; d) o quarto grupo por informantes de 40 a 55 anos e, d) o quinto grupo por informantes com mais de 60 anos.

## 2. Os itens negativos e a análise de duração

Ao se iniciar a análise acústica de nossos dados, esperávamos encontrar, como variantes da partícula negativa *não*, os itens *num* e *nu*. No entanto, também nos foi possível verificar que o item negativo pré-verbal também se realiza como [ũ] e como um segmento nasal (*n'*) agregado a palavra seguinte, como em *Não, né o carvão não* (E6)<sup>1</sup>. As realizações fonéticas do item negativo pré-verbal, bem como seu total de ocorrências, são apresentadas na Tabela 1 abaixo<sup>2</sup>:

**Tabela 1**  
**Distribuição dos itens negativos no Corpus analisado**

<b>Realização Fonética</b>	<b>No.</b>
<i>Não</i>	130
<i>Num</i>	301
<i>Nu</i>	454
ũ	15
<i>N'</i>	18
<b>Total</b>	<b>918</b>

É importante ressaltar que como dito anteriormente, além das três formas da partícula negativa já previstas, houve ainda outras formas variantes da negação. A exemplificação e descrição segue abaixo:

1. Vogal alta posterior nasalizada:

Ex.: (3) Nós num temo uma sapataria boa. *U* tem uma loja de tecidos boa (E4)

(4) ... E não sabe mexer com criação. *U* sabe mexer...

Esse item, diferentemente das formas *não*, *num* e *nu*, apresenta, em todas as ocorrências, contexto específico de produção. Como pode ser observado nos exemplos acima, esse contexto é marcado pela presença de uma sentença com um item negativo

---

<sup>1</sup> A especificação entre parênteses se refere ao número da entrevista da qual a exemplificação foi retirada.

<sup>2</sup> Encontrou-se também a realização *Na* que aparece uma única vez na oração: *Na existia* (E 2). Por ter ocorrido apenas uma única vez, o dado foi excluído do restante da análise.

qualquer anterior e uma outra sentença repetindo a mesma estrutura, agora com o item [ũ] indicando a negação. Esse tipo de ocorrência faz supor que o item [ũ] funcione como um elemento anafórico indexado ao elemento negativo da estrutura anterior. Veja o exemplo abaixo:

(5) Mariana *nu*<sub>I</sub> tem uma indústria ainda... *U*<sub>I</sub> tem uma fábrica de calçados... (E3)

Se há uma redução maior da negação em sentenças cuja informação negativa é antecipada por uma sentença anterior, pode-se supor que a previsibilidade pode influenciar na redução. Dessa forma, os dados de [ũ], que é mais reduzido que as outras formas de negação, apresenta indícios de relação entre esvaziamento semântico e redução fônica.

2. ‘Nasal + forma livre’ como palavra fonológica:

Ex.: (6) *N*’é quele médico que vai te atender... passar remédio. (E4)

(7) Na época, *n*’aceitava. (E17)

(8) ... que *n*’adianta nada fazer greve. (E18)

Essa outra forma de realização da negação também apresenta especificidades quanto ao seu contexto de ocorrência, embora esse contexto não seja de natureza estrutural, mas sim fonética. O ‘item Nasal + forma livre’ ocorre apenas quando a forma livre a qual se agrega é iniciada por uma vogal<sup>3</sup>; o resultado é um vocábulo único com a modificação da estrutura silábica inicial que passa de V para CV.

Esse tipo de ocorrência levanta a hipótese de que a negação no PB caminha para a etapa afixo. Um primeiro questionamento que se pode levantar quanto a essa hipótese é justamente quanto ao contexto de produção, se se tratar de a etapa afixo de um processo de *gramaticalização*, por que esse elemento ocorre apenas diante de vogal? Ora, o fato de esse item negativo ocorrer somente diante de vogal não invalida, em si, a

---

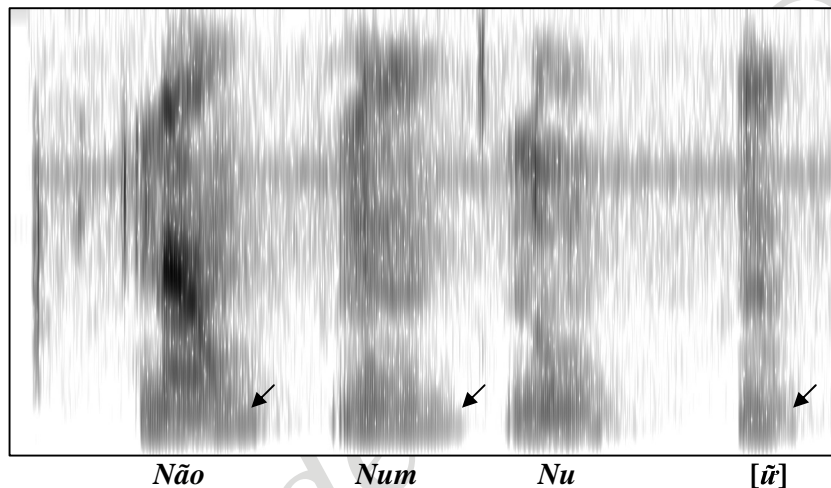
<sup>3</sup> No *corpus* do presente estudo, essa formação ocorre apenas com as vogais /<sup>h</sup>ə/, /a/ e /i/. No entanto, as ocorrências de verbos com as vogais posteriores foram apenas duas: usa (E 4) e olha (E 8), o que dificulta qualquer afirmação categórica quanto à impossibilidade de ocorrência do fenômeno com vogais posteriores.

hipótese; sendo o PB uma língua em que a seqüência ‘nasal + consoante’ não é possível em início de palavra, pode se pensar que, por uma restrição fonotática, a incorporação seja impedida.

Essa questão é de especial interesse para o estudo aqui desenvolvido e, por isso, receberá uma análise mais detalhada a frente.

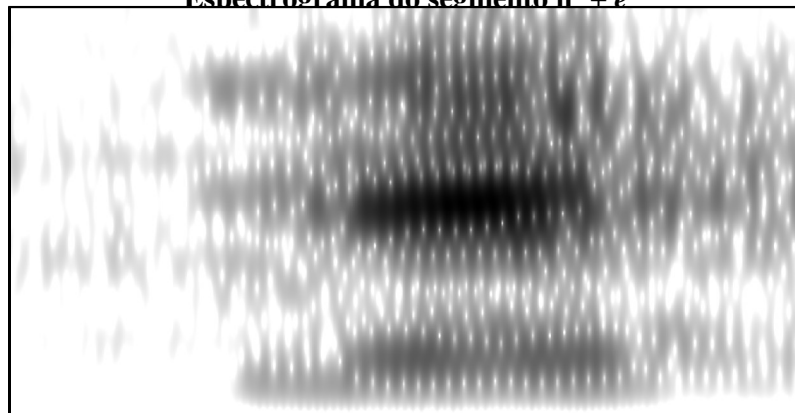
A espectrografia foi um recurso utilizado na identificação e posterior medição dos segmentos em análise. Observe o espectrograma dos itens *não*, *num*, *nu* e *ũ* na Figura 1 abaixo; as setas indicam a presença do traço nasal:

**Figura 1**  
**Espectrograma dos segmentos *não*, *num*, *nu* e *ũ***



A visualização do item *n*' é mais difícil de ser percebida isoladamente, pois o murmúrio nasal é um segmento de freqüência e duração bastante baixas. Optamos, então, por apresentar o espectrograma do segmento na formação '*n*' + *é*' (Né), veja abaixo:

**Figura 2**  
**Espectrograma do segmento *n*' + *é***



As partículas foram medidas levando-se em consideração o oscilograma e o espectrograma. Para facilitar a visualização dos limites do segmento, usou-se o recurso de expandir o oscilograma, o que auxiliou na mensuração. Os dados médios por informante obtidos encontram-se na Tabela 2<sup>4</sup>.

**Tabela 2**  
**Duração média dos itens negativos, em milésimos de segundo, por falante**

Informante	Médias de duração (ms)		
	Não	Num	Nu
A.C.G	-	118,5	84,38
C. A. X.	180	-	86,5
D. B.	167,66	119,25	89,82
E. S. O. B.	170,82	136,97	86,09
E. O. C. S.	170,25	130,11	79,3
M. F. O.	175	129,36	71,57
F. A. S.	152	127,14	78,97
G. T.	141	124,3	77,31
G. A. F. S.	184,45	140,6	86,33
G. A. O.	163,46	118,78	71,31
G. H. S. R.	-	145,4	93,3
I. S. A. P.	176,16	134,35	86,78
L. A. N.	183,66	127,62	73,43
L. G. S.	182	123	73,66
L. J. B.	161	139,53	79,38
M. C. S. F.	155	126,37	75,96
M. A.	173,2	146,35	83,71
N. B. R. P.	165,5	137,83	78,32

<sup>4</sup> O seguimento [ĩ] não está ainda presente na mensuração por ter ocorrido poucas vezes (15) na fala de apenas 7 dos informantes, sendo que para alguns ocorreu uma única vez, não havendo, portanto, exatamente uma média de valores por indivíduo.

R. A. S.	156,66	132,65	76,53
R. A. S. G.	158,66	130,43	79,11
<b>Total</b>	<b>150,41</b>	<b>130,97</b>	<b>80,58</b>

---

Pôde-se observar, por estes dados, que a forma plena da negação mostrou-se a mais longa. Quanto às formas reduzidas, a que apresentava o seguimento nasal ocupou a posição intermediária, sendo a ocorrência com a vogal oral a de menor duração. Tal fato corrobora a hipótese da redução e conseqüente atonicidade do item negativo pré-verbal no PB.

A cliticização, segundo apontado por Vitral (1999), deve ser vista como um processo gradual e heterogêneo que é parte de um processo mais amplo de *gramaticalização*. Na cliticização espera-se que haja a perda de substância fônica, o que reduz a duração do item; dessa forma, a atonicidade do item negativo pré-verbal faz supor a existência de um processo ainda em andamento.

Pensou-se, inicialmente, em também fazer a medição das ocorrências de (1) [ũ] e (2) N', porém, para o item (2) tal mediação não foi possível, uma vez que o segmento nasal, por se tratar de um som de baixa frequência (250 hz) e curta duração (20-30 ms), é de particular dificuldade de análise, não sendo sua presença sempre reconhecível no espectrograma. Os valores gerais médios de todas as ocorrências são, agora, apresentados na Tabela 3 abaixo:

**Tabela 3**  
**Duração média geral dos itens negativos presentes**  
**no corpus**

<b>Realização</b>	<b>Duração (ms)</b>
<i>Não</i>	150,4
<i>Num</i>	130,9
<i>Nu</i>	80,5
<i>U</i>	55

---

Como o esperado, o segmento [ũ] foi o que apresentou a menor duração (55), seguido do *nu* (80,5), também consideravelmente reduzido. O *num* apresentou média de duração (130,9) muito próxima à que chegou Círiaco, Vitral & Reis (2004) em

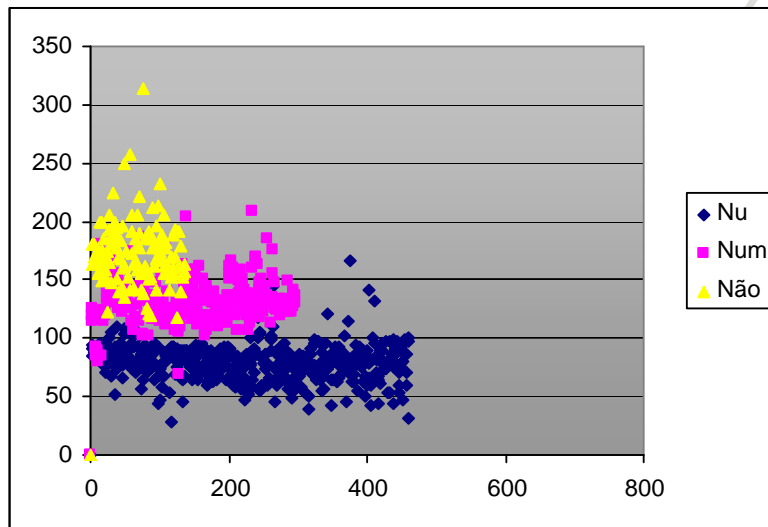


análise similar; em seus resultados a média de duração do item variou entre 101,7 diante de sílaba átona e 128,9 diante de sílaba tônica.

Percentualmente, a quantidade de distanciamento das formas reduzidas em relação à plena variou de 13% do *num*, 46% do *nu* e 63% do *[ũ]*; a diferença nos pareceu significativa. Essas características, no entanto, podem ser mais bem visualizadas a partir de um gráfico de dispersão criado a partir do cálculo das médias de duração dos segmentos *não*, *num* e *nu*<sup>5</sup> (eixo Y) e número de ocorrência (eixo X) de cada um desses segmentos. Veja:

Gráfico 1

Dispersão da duração dos itens negativos *não*, *num* e *nu*.



Pôde-se observar, a partir do Gráfico 1 acima, que enquanto o item *nu* apresenta a duração mais baixa e a maior quantidade de ocorrências, o *não*, que é a forma canônica, apresenta a maior duração e o menor número de ocorrências, estando o *num* na posição intermediária. Assim, é possível perceber um perfil gradual em que há uma tendência à redução da duração do segmento. Vejamos, então, a que conclusões quanto ao estatuto gramatical desses elementos podemos chegar.

Sabe-se que o item *não* é geralmente considerado, em termos da gramática gerativa, uma palavra funcional ou gramatical, núcleo de uma projeção máxima, enquanto que o *num*, por sua característica de partícula átona que se agrega a um

<sup>5</sup> O item *[ũ]* não está presente no gráfico, por ter sua realização limitada pelo contexto sintático.

hospedeiro, é tido como um clítico. O item *nu*, como dito anteriormente, apresenta características muito próximas do item *num*, podendo ser descrito também como uma forma clítica. Resta-nos, no entanto, tecer considerações a respeito do elemento *n'* que, como relatado, apresenta características muito próximas às de um afixo. Para tanto, faz-se necessária a explanação teórica das particularidades que permitem a distinção clítico - afixo.

### **3. Clíticos e afixos: descrição teórica.**

Como apresentado no início dessa seção, a classificação dos morfemas do Português segue, principalmente, critérios prosódicos. Enquanto as formas livres são independentes e apresentam acento próprio, afixos e clíticos são átonos e se agregam a uma forma acentuada.

Sendo clíticos e afixos formas átonas e dependentes de um hospedeiro, quais seriam as características que os distinguiriam? Como tentativa de resposta a essa pergunta, lança-se mão da literatura sobre o tema.

Câmara Jr. (1977), um dos primeiros estudiosos brasileiros a tratar da distinção clítico-afixo, apresenta duas importantes considerações; a primeira é que a forma dependente pode separar-se da forma a que se liga de um modo que as formas presas não podem e, a segunda é que a forma dependente pode mudar de posição em relação a determinado elemento lexical.

Também Scalise (1984:183-185), em estudo posterior, contrasta clíticos e afixos, apresentando, no entanto, uma análise mais aprofundada. Suas conclusões são assim apresentadas:

- Clíticos não obedecem a restrições fonotáticas a que obedecem os afixos;
- Clíticos são sensíveis, de um modo que os afixos não o são, ao tipo de flexão no elemento a que se agregam;
- Ao passo que ordens alternativas são possíveis para os afixos derivacionais, o mesmo não se pode dizer dos clíticos;

- Clíticos (do mesmo modo que os afixos flexionais) não mudam a categoria da palavra a que se ligam, ao passo que os afixos derivacionais podem ou não mudá-la;
- As combinações de palavra/afixo não são bloqueadas, mas as combinações com determinado afixo envolvem lacunas arbitrárias;
- As regras sintáticas podem afetar as palavras enquanto uma unidade, mas não uma combinação de palavra com clítico.

Também com o objetivo de distinguir clíticos de afixos flexionais, Zwicky (1985) elabora seis critérios, sendo os dois últimos relacionados aos primeiros. Os critérios são:

1. Clíticos exibem baixo grau de seleção em relação a seu hospedeiro, enquanto afixos apresentam alto grau de seleção em relação a seu hospedeiro. Dessa forma, clíticos unem-se a quaisquer palavras: pronomes, proposições, conjunções, verbos e adjetivos; enquanto afixos, por sua vez, seriam mais específicos em relação à forma com a qual se amalgamam.
2. Afixos têm como característica intervalos (*gaps*) arbitrários no conjunto de combinações. Na combinação hospedeiro-clítico não há *gaps*.
3. Afixos causam alterações morfofonológicas, clíticos não afetam o hospedeiro do ponto de vista morfofonológico.
4. Idiossincrasias semânticas são mais comuns em afixos. A contribuição para o significado da oração é a mesma no caso dos clíticos.
5. O clítico pode estar junto a outros clíticos, afixos não.
6. Regras sintáticas podem afetar afixos, mas não clíticos.

Mais recentemente, Bisol (2005) retorna a essa questão. A autora apresenta cinco propriedades dos clíticos, sendo as três primeiras universais e as duas últimas de língua particular:

- São átonos
- São formas dependentes
- Pertencem a diferentes classes morfológicas
- São ignorados por regras sensíveis à informação morfológica

- Junto de seu hospedeiro oferecem contexto para regras fonológicas pós-lexicais.

De todas as propriedades acima descritas, a que a autora mais se atém quanto à distinção entre clíticos e afixos é a que se refere à aplicação de regras pós-lexicais pelos clíticos e, lexicais pelos afixos. Essas regras têm muito a ver com a formação de palavras, isso considerando a Fonologia Lexical. Dentro desse modelo teórico, o léxico se apresenta como um componente da gramática que se estrutura em níveis e contém regras ligadas ao componente fonológico propriamente dito e à sintaxe. No nível lexical, seriam definidas as formas básicas dos morfemas – processos de derivação, flexões e formações produtivas; já no nível pós-lexical, saída do léxico e entrada para a sintaxe, acontece um tipo especial de composição envolvendo palavras independentes que não afeta as operações morfológicas.

Assim, enquanto na relação clítico-hospedeiro há a aplicação de regras pós-lexicais, na relação afixo/forma livre há a ocorrência de regras lexicais, ou seja, aquelas que atuam na formação do léxico. Acrescentando, Bisol (2005: 183) ainda afirma que “o clítico (...) não se confunde com o afixo, porque dispõe de mais liberdade do que a forma presa, embora essa liberdade tenha também seus limites”.

Do ponto de vista gramatical, tanto afixos quanto clíticos, em geral, adicionam informações gramaticais ao lexema. São também ambos definidos como núcleos, se distinguindo, porém, quanto a sua inserção na estrutura sintática. Enquanto os clíticos se adjungem a palavra livre já no âmbito da sintaxe, os afixos são incorporados ao lexema ainda no léxico; dessa forma considera-se que os afixos fazem parte da sintaxe interna da palavra.

Como pudemos observar durante a explanação sobre as distinções entre clíticos e afixos, há frequentemente uma dispersão teórica. Constatamos, porém, que a diferença principal é geralmente associada à relação desses com seu hospedeiro. E será a essa questão que nos atentaremos mais quando da classificação dos segmentos em análise.

#### **4. Considerações sobre a etapa afixo**

Como apontado acima, uma das ocorrências da negação pré-verbal é caracterizada por um segmento nasal que se agrega a uma forma livre iniciada por vogal. Essa ocorrência se assemelharia muito à de um afixo. Dessa forma, pretende-se,

nessa seção, tentar caracterizar o item *n'* como afixo ou clítico, utilizando para isso os critérios acima descritos.

O principal critério apresentado pela literatura na distinção clítico-afixo é quanto à aplicação de regras lexicais e pós-lexicais. Clíticos estão sujeitos a regras pós-lexicais, afixos sofrem regras lexicais. Quanto à formação 'nasal + forma livre', pode-se supor um caso de sândi vocálico externo com a elisão da vogal /u/ de *nu*. Em se tratando de uma regra pós-lexical, a confirmação da aplicação de uma regra de sândi caracterizaria, em princípio, o item como um clítico. Façamos, então, a análise.

O conceito de sândi externo refere-se a um processo de ressilabação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado. Quando essas palavras se encontram e a seqüência VV (vogal-vogal) se delinea, independentemente do resultado que venha provocar, degeminação ou elisão, a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte, manifestando-se com as características fonológicas de posições fortes. Assim, na sentença “*n'* adianta fazer greve” (E18) ter-se-ia a junção *nu* + adianta com a elisão do *u* e a formação do vocábulo [na´dzãt★].

Dentre as características da elisão tem-se que essa só ocorre na fronteira entre palavras e somente se as duas vogais forem átonas, no entanto, em nosso *corpus* há dados como “tem uma casa que *né* diferente não” (E19) e “*nera* que ele era discriminado” (E17), em que há, se se considera uma formação de sândi, a junção *nu* + *é/era*, sendo a vogal seguinte acentuada. Tal fato parece ir contra à hipótese de sândi.

Há, no entanto, outros trabalhos (Abaurre, 1996; Tenani, 2004) que consideram que o bloqueio a processos de sândi está relacionado à proeminência da frase fonológica. Segundo Abaurre (1996: 45):

*O bloqueio a esses processos ocorre quando [o] acento primário de palavra, atribuído no componente lexical, é também interpretado, pós-lexicalmente, como acento frasal, portador de informação sintática, dentro de uma hierarquia de proeminências prosódicas sintaticamente motivadas.*

Partindo dessa afirmação, Abaurre (Op. cit.) argumenta que é a frase fonológica ( $\phi$ ) o domínio prosódico de aplicação e bloqueio dos fenômenos de sândi. Dessa forma, pode-se pensar na possibilidade da elisão da vogal átona seguida de vogal tônica se esse segundo item deixar de ser acento primário no nível da frase fonológica para se tornar acento secundário. Por exemplo, em “esse menino é feio”, pode haver a elisão do

fonema /u/ de menino e a junção do verbo *é* (vogal tônica), com a formação da frase fonológica [esi] [mi'nin<sup>◌</sup>ϕ][feiu]; nesse caso o processo de sândi não seria bloqueado porque com a formação prosódica, a vogal tônica, que é o verbo, deixaria de ter a incidência do acento primário da  $\phi$  para ser o secundário. Em nossos dados, no entanto, não parece ser a constituição de  $\phi$ , com a perda do acento primário da vogal tônica, regra para a juntura dos itens, uma vez que essa formação ocorre em menor número. Observe abaixo:

(8) [N<sup>◌</sup>ϕ][fácil não] (E 16)

(9) [N<sup>◌</sup>ϕ<sup>◌</sup>★]ϕ[que ele era discriminado] (E 17)

Com os questionamentos levantados acima, chega-se a um impasse quanto à descrição do item “nasal + palavra” como uma formação de sândi. Dessa forma, houve a necessidade de se buscar na própria sintaxe, um meio de caracterização do item *n'*.

Uma primeira característica sintática apresentada por Zwicky (1985) para os afixos é que, diferentemente dos clíticos, esses causam alterações morfofonológicas nos elementos aos quais se agregam. Essa é uma das características do *n'*.

Ainda segundo Zwicky, clíticos se unem a quaisquer palavras: pronomes, proposições, conjunções, verbos e adjetivos; enquanto afixos são mais específicos em relação à forma com a qual se amalgamam. Em nossos dados, diferentemente do *não*, que pode se unir a adjetivos como em “não-viáveis”, o item *n'* ocorre somente agregado a verbos, o que contaria em favor da hipótese do item enquanto afixo.

Como observado, as duas características avaliadas, apontam em favor da definição do item *n'* como um afixo. No entanto, como demonstrado, os critérios de distinção entre clíticos e afixos são bastante rudimentares, não há na literatura sobre o tema nenhuma caracterização que nos pareça eficiente. Dessa forma, preferimos não afirmar de forma categórica a ocorrência afixal da negação no PB, mas levantamos questionamentos quanto a essa possibilidade e, ainda, quanto a própria conceituação de clíticos e afixos.

Considerando-se, porém, que o item em questão seja um afixo, é importante ressaltar que esse não parece se tratar de um afixo derivacional, com formação no léxico. Tal fato nos possibilitaria considerar a existência de um afixo sintático como

uma etapa intermediária entre o clítico e o afixo derivacional num processo de *gramaticalização*. Quanto a essa questão, o *né* nos fornece um questionamento interessante: enquanto marcador discursivo, o *né* parece ter sua formação já no léxico, mas, enquanto oração como no exemplo *Né fácil não*, a formação ‘*não* + *é*’ nos é perceptível ainda como uma formação sintática e não como uma palavra lexical.

A discussão acima descrita nos leva a considerar o afixo, enquanto resultado de um processo de *gramaticalização*, como um item de natureza flexional. Veja-se que a formação do futuro sintético românico no qual a forma verbal *habeo* – de um verbo lexical presente na perífrase latina *amare habeo*, da qual o futuro deriva – passa a ser um marcador de tempo e pessoa gramaticais nas línguas românicas (‘hei de fazer > farei’); no entanto, esse afixo permite a inserção de um clítico pronominal no caso de uma mesóclise – *dir-te-ei*. Esse tipo de construção é menos produtivo hoje do que foi em períodos anteriores da história do português, o que demonstra que gozava de maior liberdade em relação a seu hospedeiro que outros afixos, mas que essa “liberdade” vem sendo perdida e o afixo se tornado mais dependente.

Chegamos ao fim dessa seção não com as respostas às perguntas com as quais ela foi iniciada, mas com outros questionamentos que não serão aqui respondidos, mas que podem servir de subsídio a novos estudos: Quais seriam as características peculiares dos clíticos e dos afixos? Seria possível se considerar a existência de um afixo sintático? Se existir um processo de afixação sintática, que conseqüências isso acarretaria para a estrutura da língua?

## 5. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo verificar em que etapa poderia estar o processo de gramaticalização do item *não* no Português Brasileiro. Através da análise acústica verificou-se a ocorrência das formas reduzidas previstas – *num* e *nu*, além de se observou a existência de itens como [ã], funcionando como elemento anafórico, e o *n’*, com contexto de ocorrência muito próxima a de um afixo.

Quanto à etapa de um possível processo de gramaticalização para o item negativo do PB, vimos que os itens *num* e *nu* podem ser classificados como a etapa clítico do processo; já, o segmento *n’* apresenta indícios da etapa afixo. Não foi

possível, porém, decidir categoricamente se se trata de afixo ou clítico. Caso se trate de um afixo, esse seria um tipo de afixo sintático.

## 6. Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v. 2, n. 31, p. 41-50, 1996.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In.: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Vol. 23, jul./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu status prosódico. In.: *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte. Vol. 9, nº 1, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu hospedeiro. In.: *Letras de Hoje*. Porto alegre. V. 40, nº3, p. 163-184, setembro, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: Instituto de Estudos Lingüísticos da Unicamp, 1981. 185 p. (Tese, Livre Docência).

CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de Lingüística Geral*. R.J., Padrão, 1977, 323p.

CIRÍACO, L.; VITRAL, L. & REIS, C. Intensidade e Duração de Formas Reduzidas do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol 12, nº2, 2000. p.143-157.

FERNANDES, Norma. Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e entonação do português. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1976. 170p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria B. M.. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In.: *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

HALPERN, Aaron L. Clitics. In.: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M.. *The handbook of morphology*. Massachusetts: Blackwell, 1998.

\_\_\_\_\_. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California: CSLI Publications, 1995

HOPPER, P.& E. TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILLARI, R. et alii. Considerações sobre a Posição do Advérbio. In: Castilho A.T. de *Gramática do Português Falado*. SP: Ed. UNICAMP, 1991, p. 63-141.



JESUS, Marisa de Souza. *Estudo fonético da nasalidade vocálica em falantes normais e com fissura do palato: um enfoque acústico*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999. 153 p. (Dissertação, Mestrado em Linguística).

MARTINS, A.M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

RAMOS, Jânia M. A Alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística. In: Cohen, M.A.A.M. & Ramos, J.M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Lingüística*. BH: Editora da UFMG, 2002. p. 155-167.

SCALISE, Sérgio. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SOUSA, Lílian T. & Alkmim, Mônica G. R. *A alternância não/num: Um caso de mudança lingüística?* Ouro Preto: Caderno de resumos do XI Seminário de Iniciação Científica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Variação na partícula negativa pré-verbal em negativas sentenciais no dialeto mineiro*. Monografia de bacharelado. ICHS/UFOP. 2004. 82p.

\_\_\_\_\_. Redução do item negativo pré-verbal *não*: Uma abordagem variacionista. *Revista Alpha*, 2005.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1991.

SPORTICHE, Dominique. Clitic construction. In.: ZARING, L.; ROORYC, J. (eds.) *Phrase structure and the lexicon*. Bloomington, Indiana: IULC, 1992.

TENANI, L. A importância da proeminência da frase fonológica no português brasileiro. In.: *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG v.12, n. 2, p. 289-318, 2004.

TRAUGOTT, E. & B. HEINE. (orgs.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VITRAL, Lorenzo T. A Forma Cê e a Noção de Gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.5, pp.115-124, 1996.

\_\_\_\_\_. A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. *D.E.L.T.A.*. Vol. 15, nº 1, 1999. p. 57-84

ZWICKY, Arnold. Clitics and particles. *Language*. 1985. 61 vol.2: 283-305